

JOÃO LUÍS C. DIAS



ECOS  
DUM  
SILÊNCIO

*poemas*

EDIÇÃO DO AUTOR



ECOS  
DUM  
SILÊNCIO

*poemas*



JOÃO LUÍS C. DIAS

ECOS  
DUM  
SILÊNCIO

*poemas*

PREFÁCIO  
DE SÉRGIO OLIVEIRA

APRESENTAÇÃO  
DE CARLOS PEREIRA

EDIÇÃO DO AUTOR

BRAGA - 1988

Agradecimento  
à Câmara Municipal  
de Terras de Bouro

Fotografias de FOTO BELA - Braga

## P R E F Á C I O

*Sonhar é ver para além da luz, do tempo, da realidade e da própria consciência.*

*Ser poeta é, acima de tudo, ter a capacidade de sonhar e cantar o sonho.*

*Em Ecos dum Silêncio o João Luís demonstra ser poeta, não só pela capacidade evidente de cantar o sonho, mas também pela forma como o faz. São visíveis a facilidade com que domina a rima, as imagens e os jogos bem conseguidos de palavras.*

*Mas não é objectivo de um prefácio a análise da forma, mas sim do conteúdo da obra, tendo em vista situar o leitor no seu contexto.*

*Extrovertido por natureza e possuidor de um espírito bastante observador e crítico, o João Luís não deixa de me surpreender em Ecos dum Silêncio.*

*Nesta colectânea o autor mostra-nos ainda mais de si do que no trato pessoal. Não hesita em revelar-nos o seu sentir, e fá-lo da melhor forma. Considero pois, que esta obra é, para além do mais, um excelente auto-retrato, como aliás o João Luís nos anuncia no poema de abertura «Quadras ao Vento»:*

...

Canto um pouco do que vejo  
Do que senti e pressinto

...

*Para além de uma evidente energia interior, este auto-retrato revela-nos também um espírito que, sendo determinado e destemido, não deixa, mesmo assim, de ser sensível, questionador e reflectido.*

*Por outro lado vemos retratada, não apenas uma realidade interior, mas também, directamente, ou através da sua influência no sentir, a realidade exterior de uma região em vários aspectos.*

*«Adeus Água do Rio» é, quanto a mim, um poema que, de uma forma muito bela, faz sentir a nostalgia de uma região. A mesma nostalgia que acompanha todos quantos, por variadas razões, mas quase sempre por ausência de alternativas, a abandonam.*

*Enfim, não pretendo com esta introdução substituir a obra. Por isso concluo, deixando bem expresso que escrever o prefácio do primeiro livro de um autor, que escreve frases como*

...

*O sol, já sem brilho, gentilmente pedia ao horizonte permissão para o transpor.*

...

*no belo texto «Quando a Tarde Caiu», foi para mim uma honra por certo imerecida, mas não por falta de reconhecimento de que Ecos dum Silêncio é o primeiro fruto de um indesmentível talento.*

SÉRGIO OLIVEIRA



## APRESENTAÇÃO

*Ao ser-me solicitada a apresentação deste trabalho, o que me deu uma enorme satisfação, levantou-se-me, logo de início, um problema: apresentar a obra ou o autor?*

*A obra, essa apresenta-se por si mesma e o seu leitor ao percorrê-la concerteza que sentirá no percurso o despertar de emoções fortes que me escuso a referir por se tratar de situações que vão de encontro à sensibilidade de cada um.*

*Quanto ao autor a tarefa é bem mais difícil. O homem é dos edificios de mais complexa idealização e construção, e temo que uma tão breve análise a «olho nu» me deixe escapar pormenores que melhor possam identificar o João Luís e aqui deveriam ser referidos.*

*Nascido na mesma terra, mordendo o mesmo pó dos caminhos, sonhando as mesmas noites de cafés ávidos de cultura e são aproveitamento de tempos livres, o João Luís surpreendeu-me ao arrojarse a uma obra deste tipo, ao «desbanalizar-se», ao propor-se a viver uns bons degraus acima da atmosfera rarefeita que todos respiramos. Para os incrédulos, aqui está a resposta. Desta vez a «montanha não pariu um rato»...*

*Bem bajas, João Luís! Que a viagem a que te propuseste não páre aqui e perdoa-me a pobreza desta apresentação que está longe da tua obra.*

CARLOS PEREIRA



*À coragem  
da minha mãe*



P O E M A S



## QUADRAS AO VENTO

Canto um pedaço de mim  
Com hinos que inventei  
Numa calçada sem fim  
Num rumo que não tracei.

Canto ao mercador de emoções  
Que na praça da aventura  
Troca serras de ilusões  
Por montanhas de loucura.

Canto ao impávido que treme  
Quando enfrenta o som que ecoa  
De um bater-de-asas que geme  
Num passarinho que voa.

Canto um pouco do que vejo  
Do que senti e pressinto  
Ao que não tenho, e invejo  
Ao que me dão, e prescindo.

Canto poemas ao vento  
Em madrugadas de espera  
Cubro impérios do tempo  
Com versos, na primavera.

Canto ao poeta que cria  
Entre poetas que somos  
Contentores de poesia  
Com simples sobras de sonhos.



## A FESTA DE TODOS

Quis um dia ser poeta,  
Ter engenho pr'a escrever:  
A vida, sendo só festa  
Mas uma festa a valer!

Um dia, e já poeta,  
Poeta que a mim chamei,  
Vi muitos dias sem festa  
E várias festas sem lei.

Quem sabe, se um dia em festa,  
Daquelas sem grandes modos,  
Seja festa pr'o poeta  
E haja festa pr'a todos!

## BALADA DO PRANTO

Chorei num dia cinzento  
Por temer a sua cor.  
Aquela cor de cimento  
Que coloria o mau tempo,  
Pintou em mim desalento,  
Levou o meu pensamento  
Aos dias de bom calor.

Chorei num dia brilhante  
Por o calor me sufocar:  
— Maldito sol escaldante!...  
O teu bafo sufocante  
Que me abafe e desencante,  
Que não me deixe um instante  
Mas que me deixe chorar.

Chorei num dia sem cor  
Por não ter uma razão.  
Não sufoquei de calor,  
Não senti qualquer temor,  
Nem me molestou qualquer dor.  
Será por excesso de amor  
Que chora o meu coração?!

Hei-de sorrir todo o dia,  
Depois de um dia chorar, com razão!

## MANHÃ DOURADA

(À Avelina)

Fui perto do teu jardim,  
Fiquei à porta de entrada.  
Não me quis mostrar assim,  
Com a cara descorada.  
Senti receio de mim,  
Ali ao pé da escada,  
Da entrada do teu jardim,  
Naquela manhã dourada...

Aquele lindo jardim  
Molhado pela madrugada,  
Olhou e sorriu para mim  
E quis abrir-me a entrada.  
E eu quase que entrei assim,  
Com a cara descorada,  
Naquele lindo jardim,  
Naquela manhã dourada...

Por pouco davas por mim,  
E eu quase que acordava  
Daquele sonho sem fim  
Que há tanto tempo sonhava!  
E consegui-o enfim,  
Quando já tanto tardava,  
À porta do teu jardim,  
Naquela manhã dourada...

Beijava-te mesmo assim  
Com a cara descorada.  
Dava-te beijos sem fim,  
Na tua boca molhada.  
Faria corar o jardim,  
Com a minha boca ousada,  
A dar-te beijos sem fim,  
Naquela manhã dourada...

À porta do teu jardim,  
Com a boca perfumada,  
Saíam ecos de mim,  
No canto de uma balada.  
Com versos feitos por mim,  
Escritos na madrugada  
De uma insónia sem fim,  
Pela manhã levantada...

E as flores do teu jardim,  
Em orquestração afinada,  
Lançavam notas sem fim,  
Para aquela minha balada,  
Aquela balada assim...  
Era para ti que entoava,  
Na entrada do teu jardim,  
Naquela manhã dourada...

Mas a manhã chamou por mim  
E eu dum sonho acordava  
Tão longe do teu jardim,  
Numa manhã ensombrada...  
Fica porém vivo em mim  
O canto desta balada  
Perfumada no teu jardim,  
Naquela manhã dourada!...

## SONETO À MOÇA VADIA

Está na noite desolada...  
A tentar vender a pronto  
Uma vida explorada  
Por horas de esquecimento.

E sente no corpo cansado  
Uma dor que a consome  
Mas no seu mundo abafado  
Mastiga o sono, e não dorme!

As lágrimas apodreceram-lhe o olhar  
A febre ulcerou-lhe toda a carne  
E o desânimo impede-a de sonhar!...

Aquela moça chamada vadia  
Quer ser livre, e livre um dia  
Há-de voltar a sonhar!...

## SONHOS NA SOMBRA

Ah!, delinquentes da rua  
Que na noite envenenais  
A claridade da lua  
Com vossos bafos fatais.

Semeais escuridão  
Nas tardes com viva luz,  
E morre estéril a razão  
Que vos provoca e seduz.

Esse sonho que reflecte  
O pesar do vosso sono,  
Sempre em sono se repete?!

Não vos deixeis enganar  
Por paraísos de sonho!...  
Fazei o sono acordar!

## EPITÁFIOS

Aqui Jaz...

A sede de um homem  
Que a sede tombou.  
Tombou em batalha  
sem ter quem lhe valha,  
E a sede ficou!...

Ficou pr'a lutar,  
Com armas que matam  
Que ferem e maltratam  
A força pr'a amar.

As armas guardadas  
Nos homens com sede,  
São férteis searas  
Com sementes de febre.

Oh, armas, matásteis?  
Oh, morte, morreste?

Aqui jaz...

Um homem que com sede tombou,  
Nasceu e cresceu...  
E com sede acabou!

Jaz em paz.  
Na paz que venceu!...



## ADEUS ÁGUA DO RIO

Lá vai o rio a descer  
A serra que o abraçou.  
Vai suave e sem correr,  
Não sei se vai por querer  
Para o mar que o chamou.  
Lá vai o rio a passar,  
Sabe que vai pr'a ficar.

Lá vai o rio a passar,  
Sabe que passa e não volta,  
Sabe que vai para o mar,  
Para muitas vezes molhar  
A areia com a revolta.  
Lá vai o rio pr'o mar  
Sabendo jamais voltar!

Leva sementes do verde  
Que a margem lhe ofereceu.  
Deixa as raízes com sede  
Nos vales onde cresceu.  
Lá vai o rio a passar  
Leva a saudade pr'o mar!

Esperam por ele as ondas,  
Ansiosas por falar  
Das glórias e das lendas  
Que nelas estão a boiar;  
De epitáfios a heróis;  
Dos que morreram a lutar.  
Tem razão o rio, pois,  
Em querer andar devagar!

— Foste um pequeno ribeiro  
Dum paraíso inventado.  
Serás imenso celeiro  
Num inferno envenenado.  
Adeus rio perfumado,  
Vais pr'o mar contrariado!...

## VIELAS SEM LUZ

Quando fugimos da vida  
Para não ver a verdade  
Corremos sempre à deriva  
Imaginando a saída  
Longe da realidade.

Ao longo da noite fria  
Que tardou a amanhecer  
Agasalho não havia  
Tropecei porque não via  
E adormeci sem querer.

Falei pr'a pouca audiência  
Com raiva ralhei comigo  
Senti calor na assistência  
Na voz da pura inocência  
De um menino amigo.

Mas muitos tiveram medo  
De mostrar o seu parecer  
Falaram, mas em segredo  
E apontando com o dedo  
Diziam me conhecer.

Nas vielas desta vida  
Onde relato emoções  
Planto a flor preferida  
Anseio vê-la crescida  
Pr'a só colher frustrações.

## O BAILE DA FANTASIA

Vestiu o seu dia-a-dia  
Foi limpinho e sem disfarce  
E sorriu quando queria  
Porque ele não temia  
Mostrar a sua face.

Dançou com o passo trocado  
O ritmo da gente nobre  
Sorriu para o par do lado  
Receando ser notado  
Como simples, por ser pobre.

Ficou no chão o verniz  
Dos sapatos a rigor:  
— Perdoe, mas eu não quis.  
Lamentou o infeliz  
Ao ter calcado um senhor.

Mas alguém o apontou  
Com mérito a considerar  
Houve alguém que o censurou  
Mas logo tudo parou  
Pr'a ver a raia bailar.

Entre sorrisos forçados  
E louvores de hipocrisia  
Dançam os pobres coitados  
Ao lado dos desgraçados  
No baile da fantasia.

## CAMINHO IMENSO

Com o orgulho sempre a prumo  
Digo ser forte e feliz  
Mas quantas noites não durmo  
A lamentar o que fiz.

Lembro os bons momentos  
Esqueço os dissabores  
Ultrapasso desalentos  
Invento novos talentos  
Transformo mau-trato em louvores.

Neste poço de lamentos  
Onde me banho dia-a-dia  
Procuro afogar sofrimentos  
Fingindo ter alegria.

Olho a vida não vivida  
Ao longo da minha estrada  
Carrego alegria fingida  
E tristeza camuflada.

Corremos atrás da vida  
Sem a conseguir alcançar  
Procuramos a saída  
Em desvairada corrida  
Sem a querer encontrar.

## QUEREMOS VIVER

Quero dizer o que sei  
Não digo se bem ou mal  
Só aquilo que pensei  
Ou talvez o que sonhei  
Acordado, por sinal.

Este espaço no qual vivemos  
E nos ensina a crescer  
Dá-nos normas pr'a sofrermos  
Momentos que não queremos  
Mas teimamos em viver.

Lamentamos a desgraça  
Que mora ao lado de nós  
Vemos ao longe a traça  
Mas não vemos a ameaça  
Que quase cai sobre nós.

Andamos sempre a correr  
Gritamos, ferindo a voz  
Mas nunca queremos dizer  
Para mais ninguém saber  
Que só fugimos de nós.

Dizemos amar a vida  
Não cansando de afirmar:  
— É bela, alegre, querida...  
Apesar de ser temida  
Não paramos de a louvar.



## VAI PR'A FARRA

Não abafes o teu som  
No corpo dessa guitarra  
Não esperes pelo Verão  
Deixa que nessa estação  
Cante sozinha a cigarra.

Faz da guitarra aparelho  
Que transforme raiva em som  
Não a uses como espelho  
Podes mostrar teu engenho  
Se fizeres dela um écran.

Canta sem medo o que gostas  
Mas bem alto pr'a se ouvir  
Quem te virar as costas  
Irá querer-te aplaudir.

Faz do som dessa guitarra  
Teu porta-voz permanente  
Fá-lo vibrar com garra  
Vai tu e ela pr'a farra  
E tocai alegremente.



... EM JEITO DE PROSA



## UM SORRISO

Que sensação bela, que alegria enorme, que ternura dócil me inundou, quando, escapando à timidez típica da minha modéstia e geito de ser, olhei os teus olhos e os vi sorrir. Como eu tremi de emoção, quando o teu olhar humedecido num sorriso, a transbordar de simplicidade e carinho, fitou a ousadia dos meus olhos, e de uma forma bela, sem reservas ou preconceitos, prontamente teimou em oferecer ao meu olhar um sentido recíproco.

Oh!, como foi significativo para mim!

Como aquele momento me enalteceu!

Como por momentos fiquei envolvido por um manto de felicidade!

Desviei o meu rosto, por um orgulho frágil e mesquinho me impedir de mostrar que tinha corado.

Mas eu corei!

Talvez por o tal orgulho se render perante um sorriso recheado de tão diversos e nobres adjectivos.

Enriqueci o meu ser. Libertei-me da apatia que vinha lenta e silenciosamente, dia-após-dia, inundando e transformando negativamente a minha personalidade.

Talvez agora eu vá correr para ganhar, e não andar em ritmo de «endurance», como se o cansaço ou a falta de brio pesasse no meu capricho e a vontade de vencer já não fosse minha aliada e a minha permanente ambição.

Oh, como um simples sorriso me transformou e deu vida!

Irei guardá-lo como a mais bela e preciosa dádiva de que até então fui merecedor.

Será aconchego, quando o rigor do inverno se fizer sentir;  
Será brisa suave, quando a intensidade do calor for insuportável;

Será luz, quando a tristeza se apoderar de mim e me envolver na escuridão;

Será rival de toda a amargura que a vida tenha guardado para me atormentar, e parceiro dos bons momentos que essa vida me venha a proporcionar.

Que sorriso tão meigo, tão belo!...

Enfim, tão extraordinário!...

## MULHER COM OLHOS DE FESTA

Tu, que apareceste na sombra e da sombra me arrebataste.  
Tu, que de tons vivos e resplandecentes coloriste a minha vida, limpando a cor pálida que a cobria e manchava.

Tu, que interrompeste o ritmo apático e indiferente da minha caminhada, tornando-o certo e compassado; com objectivos claros e definidos; com pretensões fortes e ambiciosas; com vontade plena de continuar de cabeça levantada, ultrapassando medos e preconceitos, saltando barreiras mesquinhas sem nexos ou fundamento.

Tu, que entoaste baladas de esperança sem temer o peso da letra ou o rigor da melodia, com uma alegria estampada no rosto que nem a mais rude e exigente audiência, com apupos e ameaças, pôde calar ou mesmo esmorecer tua voz.

Tu, mulher com olhos de festa, deste coragem a quem o desânimo e a apatia vinha lenta e silenciosamente, dia-após-dia, conquistando e destruindo os bons momentos que a vida generosamente lhe tinha dado para disfrutar.

Só tu, mulher com olhos de festa, plantas emoções em solos saturados e consegues obter belas e fartas colheitas.

A ti mulher, chamo: «Mulher com olhos de festa».

## QUANDO A TARDE CAIU

Foi numa tarde. Tarde, que por ser tarde se ía.

O sol, já sem brilho, gentilmente pedia ao horizonte permissão para o transpor.

Os passarinhos, silenciosamente, poisavam em seus abrigos, onde, impacientes, iriam esperar pela manhã seguinte.

As flores, em forma de ritual, íam uma a uma fechando as suas pétalas, à medida que se despediam daquelas que a natureza não tinha dotado com as mesmas características.

E eu, sentado naquele muro que outrora fora palco de diversão, instintivamente travava as lágrimas que me humedeciam o rosto e refrescavam as emoções.

Deixei de contemplar tudo aquilo que me era exibido, por as lágrimas, que teimavam em se libertar de mim, ferirem o meu olhar e contrastar com o orgulho que incansadamente proclamava e dizia possuir.

Estava eu mergulhado naquele pranto silencioso, quando uma voz doce e quase soletrada se abeirou, me chamou pelo nome e perguntou o porquê daquele meu estado.

Desviei o olhar, limpei violentamente o rosto humedecido, e só instantes depois lhe dei a atenção que me rogava.

Pensei inventar uma desculpa; uma daquelas que tantas vezes me camuflaram; que tantas vezes usei para manter «a prumo» o meu orgulho; que tantas vezes adoptei para relatar a minha coragem.

Mas aquele olhar trémulo e fixo que comigo se confrontava, travou-me a voz e impediu que daquela vez eu me mascarasse. Escutámos por instantes o silêncio que nos envolvia, até que



este foi interrompido por um suave ruído, provocado pelo passarinho que ali perto se acomodava no galho da velha árvore.

E eu, aproveitando a pausa do silêncio, resolvi finalmente contar o porquê daquele pranto e daquela minha amargura:

— Olha (...)! Amei com muita intensidade; mostrei-o sem reservas; declarei-o sem temer; ... e só colhi o que vês!!

Olhou-me por instantes, tocou-me, e depois afastou-se a correr, para o aconchego de sua mãe, talvez!

E eu fiquei!...

E aquela tarde..., que por ser tarde, caíu!

## A CALÇADA

E eu subia a calçada!

Calçada acidentada e sombria. E por assim ser, impossível era ver o seu fim.

Calçada que me moldou pouco a pouco e me feriu logo cedo.

Calçada que me proporcionou belos sonhos e os desmanchou em seguida (e por vezes sem um porquê para consolo!)

Calçada que foi madrasta, e que tantas vezes louvei.

Que me ofereceu lindos dias, e me roubou outros mais.

Onde erigi catedrais, e as tombei, ou tombaram.

Onde fiz sempre o que quis, e, se o mal fiz, foi sem querer.

— Calçada foste tão dura! Ou talvez não tivesses sido?!

Relatei paixões em tom forte. Colori emoções com tons vivos.

Pisei a desgraça com raiva. Fugi de mim e de tantos, muitas vezes sem medo, e, se o tinha, era de mim.

Entoei baladas de amor que muitas bocas romperam, mas que me faziam recordar algo.

Algo que em determinada altura do percurso me marcou e que eu não usufruí.

Algo que me tocou, sem estar perto;

Algo que passou e não me viu.

Mas eu olhei!

E por ser belo guardei-o, e por não seguir na minha calçada, perdi-o!

Que rumo seguiria?!

Outra calçada como a minha?!

Entre o pó de uma velha estrada em terra batida, rasgada entre colinas airosas e ladeada por vegetação pálida, a quem a sede não perdoou?!

Ou caminhou comodamente numa bela rua de asfalto traçada a rigor, colorida com passeios verdejantes?!

Caminharia em multidão por todo o lado, ou só, por lado nenhum?!

Será que vou descobrir?

Será que adoptou a minha calçada para a sua caminhada?!

Que bom seria acordar dum sonho e, acordado, sonhar!

Seguir a luz do seu olhar, esquecendo os tropeços que a escuridão me provocou.

Sentir o calor do seu corpo, e contrastá-lo com o frio que outrora me gelou.

Olhar seu rosto doce e terno, ignorando a raiva que por vezes me ilustrou frustrações.

Envolver-me no seu sorriso meigo, afastando risos sarcásticos que tantas vezes me cercaram e que tantas vezes me forçaram a corresponder.

Ouvir o timbre de voz que seus lábios «moldados de sedução», serenamente, e em jeito de melodia lançavam. Cercando e enriquecendo o ar que me circundava, abafando pragas e apupos que ferozmente me elogiaram no passado!

Que bom seria, correremos lado a lado de mãos dadas, até que o cansaço, gentilmente nos oferecesse um sono reconfortante.

E nesse sono sonharmos!

E desse sonho acordarmos!

E então, com olhares recíprocos, traçarmos o início do resto do nosso percurso.

E se a ousadia me tentasse, perguntar-lhe-ia se a minha modesta calçada poderia ser adoptada para o início do seu novo rumo.

## BRILHOS NA NOITE

Senti naquela noite vontade de me libertar. De perguntar a alguém, aquilo que até então nem a mim próprio fui capaz de o fazer.

Quis naquela noite saber, se viver era sinónimo de estar vivo; se a fuga era a forma mais razoável de fugir de mim, e daqueles que por bem o deveriam fazer também; se eu seria um louco, ou apenas mais cego por excessos de loucuras. Loucuras que a vida nos oferece em noites coloridas com brilhos artificiais; em noites em que se forçam sorrisos, quando a vontade de sorrir não chegou ao fim da tarde antecedente; em noites recheadas de beijos insípidos, intercalados com conversas ambíguas e circundadas por palavras esporádicas que só o silêncio sabe lamentar.

Senti naquela noite vontade de chorar perante alguém; vontade de substituir a minha raiva por um pranto silencioso; humedecer o meu rosto com lágrimas verdadeiras, e não com o suor como tantas vezes aconteceu.

Não consegui! Mais uma vez fui fraco! Mais uma noite, que foi o espelho de tantas outras! Mais uma noite, em que senti na alma o peso da minha covardia!!

Substituí naquela noite a coragem por leves lamentos; Camuflei naquela noite o desânimo com caprichados ritmos corporais.

Em vez de verdade, naquela noite proclamei afirmações ocas e sem sentido, ilustradas com frases moldadas por «filosofia barata» e entoadas em jeito de «mercador de emoções».

Semei prantos em terra fértil. Colhi flores sem sentir o seu perfume, ficando apenas com a beleza das suas pétalas e a esperança que a cor das suas folhas me ofereceu.

Naquela noite, apenas ficou em mim a coragem que há tanto tempo procuro, e que quando ao longe a avisto temo a forma de me servir dela.

Quem sabe na próxima?...

— Obrigado! Vou agarrar-me à coragem que me transmitiste. Quem sabe não será na próxima noite colorida artificialmente?

Talvez nessa noite, possa juntar à beleza das pétalas o perfume que as envolve na sua plenitude.

Terei fé. A fé que colhi de ti naquela noite!

## ORAÇÃO

— Meu Deus:

Sinto neste dia tanta força que tenho medo de adormecer. Tenho medo que ao adormecer esta minha força se esmoreça. Estou de tal forma inundado em ternura que os meus movimentos físicos parecem ter perdido parte da sua liberdade.

Brilham tanto os meus olhos de alegria que se confundem com estrelas no máximo da sua luminosidade.

Será que adormecendo, acordarei, amanhã, como hoje irei adormecer?

Se assim não for, faz com que eu nunca adormeça, meu Deus!

Faz, meu Deus, com que as minhas energias se mantenham vivas e activas eternamente. Deixa este calor incendiar-me. Deixa que eu arda em chama viva, até que o gelo derreta e se transforme em água morna. Enlouquece o meu espírito, mas deixa-me estar acordado, meu Deus!

Sabes meu Deus, que Te agradeceram pelo facto de me terem conhecido?!

Claro que sabes! Perdoa esta minha pergunta.

Será que sou digno do agradecimento que Te fizeram?!

Mas foi tão lindo saber, meu Deus! Foi tão quente ler aquelas palavras! Foi tão doce sentir o seu sabor! Foi tão..., nem consigo classificar! Só Tu conheces tal adjectivo, e só Tu tens força para o empregar.

Obrigado, meu Deus, por esta Tua graça. Obrigado, meu Deus, por me deixares agradecer-Te. Obrigado, meu Deus, por eu poder chamar-Te «Meu Deus».

Acho que vou tentar adormecer. Tenho fé em Ti. Sei que amanhã me vais acordar e eu vou sentir aquilo que hoje e agora sinto.

Sei que apenas me vais aliviar a emoção, para que amanhã sinta força para continuar a suportá-la.

Meu Deus, adormece em Ti, quem Te agradeceu o facto de me ter conhecido. Sei que o farás.

Obrigado por mim, e aceita o meu agradecimento por ela, meu Deus.

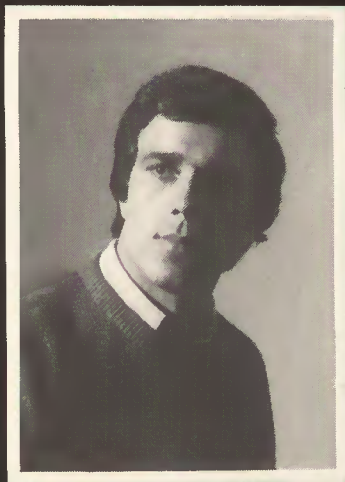




## ÍNDICE

PREFÁCIO .....	5
APRESENTAÇÃO .....	7
<b>POEMAS</b> .....	<b>11</b>
QUADRAS AO VENTO .....	13
A FESTA DE TODOS.....	15
BALADA DO PRANTO .....	16
MANHÃ DOURADA .....	17
SONETO À MOÇA VADIA .....	20
SONHOS NA SOMBRA .....	21
EPITÁFIOS .....	22
ADEUS ÁGUA DO RIO .....	23
VIELAS SEM LUZ .....	25
O BAILE DA FANTASIA .....	27
CAMINHO IMENSO .....	29
QUEREMOS VIVER .....	30
VAI PR'A FARRA .....	31
<b>... EM JEITO DE PROSA</b> .....	<b>33</b>
UM SORRISO .....	35
MULHER COM OLHOS DE FESTA .....	37
QUANDO A TARDE CAÍU .....	38
A CALÇADA .....	40
BRILHOS NA NOITE .....	42
ORAÇÃO .....	44

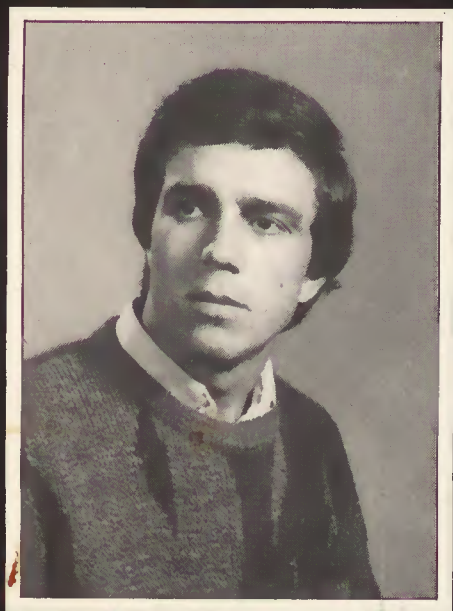
Composto e impresso nas  
oficinas gráficas de Barbosa  
& Xavier, Lda.,4700 BRAGA



*De nome completo, João Luís da Cunha Dias, nasceu em Terras de Bouro - Braga em 03/02/63.*

*Funcionário dos Registos e do Notariado em Terras de Bouro, onde reside.*

*Recentemente venceu, na modalidade de quadra popular, os «Primeiros Jogos Florais - Terras de Bouro / 1987».*



«Sonhar é ver para além da luz, do tempo, da realidade e da própria consciência.

Ser poeta é, acima de tudo, ter a capacidade de sonhar e cantar o sonho.

Em **Ecos dum Silêncio** o João Luís demonstra ser poeta, não só pela capacidade evidente de cantar o sonho, mas também pela forma como o faz...»

*Sérgio Oliveira*

«(...) o João Luís surpreendeu-me ao arrojar-se a uma obra deste tipo (...) ao propor-se a viver uns bons degraus acima da atmosfera rarefeita que todos respiramos (...).»

*Carlos Pereira*